

INTERVIEW IN TORONTO WITH GIDEON TOURY / ENTREVISTA EM TORONTO COM GIDEON TOURY¹



GIDEON TOURY / DANIEL SIMEONI

Nos anos setenta do século XX, o olhar e interesse dos pesquisadores em tradução voltam-se para Israel, para a Universidade de Telavive, onde primeiramente Itamar Even-Zohar e, em seguida, Gideon Toury e Zohar Shavit, nos anos subsequentes, juntamente com seus colaboradores, inauguram um novo olhar sobre o fenômeno tradutório. A Escola de Telavive, um dos nomes pelos quais ficou conhecido o pequeno, porém consistente, grupo de pesquisadores, propõe considerar o fenômeno da tradução sob a égide dos desenvolvimentos teóricos gerados a partir do formalismo russo. A *teoria dos polissistemas*, como ficou conhecida a abordagem primeiramente desenvolvida por Even-Zohar, concebe a cultura como um sistema formado por outros inúmeros sistemas, constituindo assim um *polissistema*, nunca estático, nunca estanque.

Even-Zohar tinha como objetivo central, à época, estudar a literatura israelense e o importante aporte das traduções literárias para sua constituição. Em sua perspectiva fundadora, compreender o fenômeno da tradução não é mais debruçar-se tão somente sobre um conjunto de textos traduzidos. Emerge assim a concepção de literatura traduzida, um sistema dentre os vários outros, todos constituintes do polissistema literário, em constante, mutável e tensa relação com os demais.

As abordagens de Even-Zohar e Toury são fundamentalmente descritivas, não tendo como horizonte, portanto, determinar o nível de qualidade de uma dada tradução nem uma possível relação com um original, mas muito mais o seu funcionamento na intrincada rede de valores ativos em determinado período. Sua adequação, ou não, à prática e ideologia dominantes.

A contribuição de Gideon Toury se inscreve igualmente na visão sistêmica desenvolvida por Even-Zohar e, procurando não partir de uma concepção apriorística do que venha a ser uma tradução, ele vai considerar, então, como objeto de estudo e análise, todo texto que seja aceito como tradução por uma dada cultura.

¹ Tradução de Rodrigo Borges de Faveri (Unipampa) e Claudia Borges de Faveri (UFSC). A entrevista foi publicada originalmente como parte (Capítulo 28) do livro *Beyond Descriptive Translation Studies: Investigations in homage to Gideon Toury*, editado por A. Pym, M. Shlesinger e Daniel Simeoni e publicado pela John Benjamins Publishing Company em 2008. Agradecemos à editora John Benjamins e ao editor (A. Pym) e autor (G. Toury) pela autorização para a publicação desta tradução.

Daí decorre, entre outros, seu interesse pelo fenômeno rico e intrigante das chamadas falsas traduções. Seu livro, de 1980, *In search of a theory of translation*, estabelece as principais reivindicações, conceitos e objetivos dos Estudos Descritivos da Tradução (DTS), nome geral pelo qual ficaram conhecidas suas contribuições teóricas e metodológicas aos Estudos da Tradução em geral e à teoria dos polisistemas em particular.

Os desenvolvimentos ulteriores de seu modo de ver e descrever a tradução são apresentados em outro livro, de 1995, *Descriptive Translation Studies and Beyond* e em um sem número de publicações, dentre artigos, coletâneas, conferências e afins². Emerge desta concepção um aparato teórico sofisticado que busca, a partir de uma visão funcionalista do fenômeno tradutório, explicitar a forma final de uma tradução, seu funcionamento na cultura receptora, assim como as estratégias textuais que a atualizam. As condições impostas pelo contexto social e histórico que permeiam a atividade do tradutor, assim como suas razões e estratégias também estão no centro das preocupações de Gideon Toury.

A visão da tradução como fenômeno social e historicamente determinado substitui, entre outros, a tradicional sacralização do original. Para Toury, investigar a tradução é descrever sua concepção e funcionamento em cada cultura, seus processos e produtos, além das intenções e coerções que determinam o comportamento de seus atores.

Nesta entrevista, originalmente publicada no livro *Beyond Descriptive Translation Studies: Investigations in homage to Gideon Toury* pela John Benjamins Publishing Company em 2008, Gideon Toury conversa com Daniel Simeoni sobre sua trajetória intelectual, sua relação com os colegas de Telavive, seu método de trabalho e sua visão do campo disciplinar dos Estudos da Tradução. O maior interesse desta entrevista, no entanto, está certamente na discussão teórica que anima os dois interlocutores. Simeoni, respeitado e conhecido pesquisador da área, prematuramente falecido em 2007, ainda antes desta entrevista ser originalmente publicada, é um interlocutor atento, provocativo e, sobretudo, bem informado, fazendo desta conversa com Gideon Toury um texto valioso para todos os interessados no complexo fenômeno da tradução, assim como no desenvolvimento da área dos Estudos da Tradução.

Cláudia Borges de Faveri
cbfaveri@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

² Para informações detalhadas, ver site do autor em : <http://www.tau.ac.il/~toury/>

An interview conducted by Daniel Simeoni at York University, Toronto, on September 16 and 18, 2003.

Daniel Simeoni: Could you please describe the progress that you've made in your work since your first book – the first book in English at least – *In Search of a Theory of Translation*, published in 1980. Specifically, what I would like to hear you talk about is how you evolved from a view – a certain conception – of Translation Studies, which appears to me to have been something quite formal, theoretically, to the point that you've reached now. Maybe it's a personal feeling but I think you've evolved considerably between the kind of work that you were doing towards the end of the 1970s and what you are doing now. Could you please say a few words about this.

Gideon Toury: I think it's not completely correct, the way you described it, one reason being that most of the world maybe – many people – share your view, but one of the drawbacks you all have is that you cannot read my first book which is in Hebrew. At first I did an actual descriptive scientific study for which I had to develop some theoretical-methodological basis because the existing one didn't prove useful. But the main thing was to study a historical period in the development of a culture. So it

Entrevista realizada por Daniel Simeoni³ na Universidade de York, Toronto, em 16 e 18 de setembro de 2003.

Daniel Simeoni: Você poderia, por favor, descrever a evolução do seu trabalho desde o seu primeiro livro – pelo menos o primeiro livro em inglês – *In Search of a Theory of Translation*, publicado em 1980. O que eu gostaria de ouvir de você especificamente é a respeito de como foi que seu trabalho evoluiu da perspectiva – uma certa concepção – dos Estudos da Tradução, que me parece ter sido um tanto formal, teoricamente, para o ponto em que você se encontra neste momento. Talvez seja uma impressão pessoal mas me parece que a sua perspectiva evoluiu consideravelmente entre o tipo de trabalho que você realizava no fim dos anos setenta e o que está fazendo agora. Você poderia dizer algumas palavras a este respeito?

Gideon Toury: Parece-me que esta caracterização não está completamente correta. Um dos motivos para tal sendo que talvez quase todo mundo, muitas pessoas, compartilhe desta sua perspectiva, mas com a desvantagem também compartilhada de não poder ler meu primeiro livro, que foi escrito em hebraico. Inicialmente, realizei um verdadeiro estudo científico descritivo para o qual tive de desenvolver uma base teórico-metodológica porque a que existia na época não se mostrava aproveitável. Mas

³ (1949-2007), esta foi a última publicação do autor. Ver o obituário em <http://www.yorku.ca/yylife/2007/11-Nov/11-05/simeoniobit-110507.htm>

was very sociologically oriented, that dissertation, that book; which is something I came back to more than ten years later, even though I never left it completely – because the notion of “norms” is a sociological one. But, if I read now my first 1977 book, which is based on my dissertation, I’m sometimes surprised to find that things I have come back to thinking about in the last few years – their roots are already there but I’d completely forgotten. I came back to it little by little. So, the question is wrongly put, but I understand why. All you could read about my dissertation was about a 20-page summary of it which gave a short presentation of my theoretical approach and the whole 200 pages were summed up without any detail, without any discussion of the way that I got to these conclusions.

DS: I think the natural question to ask then would be: “What made you adopt the stance that you took in your first book in English, given that just a couple of years before, you had written something which was much more in line with work that developed dose to a decade and a half later in the field?” Would you say it had something to do with switching working languages – from Hebrew to English – and trying to write in a way which related more dosely to the kind of work that was being produced

a questão principal era estudar um período histórico no desenvolvimento de uma cultura. Por causa disso era um trabalho de natureza bastante sociológica, aquela tese, livro; ao qual eu retornei mais de dez anos depois, muito embora nunca o tenha deixado de lado completamente - porque a noção de ‘norma’ é uma noção sociológica. Mas quando eu volto a ler meu primeiro livro, de 1977, o qual é baseado em minha tese, algumas vezes me surpreendo ao descobrir nele coisas às quais tenho retornado nos últimos anos - suas raízes já estão plantadas lá, mas eu as havia esquecido completamente. Fui retornando a elas aos poucos. Então, a sua questão está colocada de maneira equivocada, mas eu entendo os motivos para tal. Tudo que você poderia ler de minha tese é um resumo de umas vinte páginas que trazem uma curta apresentação de minha abordagem teórica e no qual as duzentas páginas do trabalho completo se encontram resumidos sem nenhum detalhe específico, sem nenhuma discussão a respeito do modo como cheguei a tais conclusões.

DS: Então acredito que a pergunta natural a fazer seria: “O que fez você adotar a perspectiva que adotou em seu primeiro livro em inglês, sabido que, há apenas alguns anos antes, você havia escrito algo que se encontrava muito mais na mesma linha de trabalhos desenvolvidos no campo de investigação, há aproximadamente uma década e meia mais tarde?” Você diria que este fato tem alguma relação com a mudança da língua em que você vinha trabalhando - do hebraico para o inglês - na tentativa de escre-

those days, in a semiological vein?

GT: The answer is “yes” to both thoughts. The need to write in English instead of in Hebrew prevented me from remaining within the Hebrew sphere because it was very difficult to analyze in English texts that were written in Hebrew. Not only that... most of them didn’t even have English as their source language. So, to mix up languages is a practical difficulty, but there is also another side to it: in those days if somebody came and gave a lecture about the phenomenon of translation – let’s say, not into Hebrew, but into Hungarian – it would have been in a very similar status to mine. And people from Hungary, as a matter of fact, started theorizing – that trend was there and I did develop things as well – even in my dissertation which preceded the English. But, as I said, that was out of necessity, because right from the start I came to the conclusion that there was no way I could study translations into Hebrew which was what I was interested in without the historical and developmental side of it. I asked myself, “OK, what am I going to include in my corpus?” and I had no answer. And I read all of the different theories that could be found in English and in German and, by proxy, some of the Russian as well and the Nitra School. And the Nitra School was maybe the closest to mine, but it was much more ideologically laden than I was at that time prepared to accept. But, when I read the *Skopos* theory which was very new – it was in its infancy in the mid

ver de uma forma que fosse mais próxima do tipo de investigação que estava sendo produzida naquela época, no campo da semiologia?

GT: A resposta é “sim” para as duas questões. A necessidade de escrever em inglês em vez de hebraico me fez não ficar limitado à esfera do hebraico pelo motivo de que era muito difícil analisar em inglês textos que eram escritos em hebraico. E não apenas isso... a maioria desses textos não tinha o inglês como língua fonte. Então, a mistura de línguas é uma dificuldade prática, mas há ainda um outro lado desta questão: naquela época, se alguém aparecesse e desse uma conferência sobre o fenômeno da tradução – digamos, não para o hebraico, mas para o húngaro – estaria em uma situação muito parecida com a minha. E, de fato, pessoas que vinham da Hungria começaram a teorizar - esta tendência já estava lá e eu comecei a desenvolvê-la também - mesmo na minha tese, a qual precedeu ao período em que me voltei para o inglês. Mas, como eu dizia, foi por pura necessidade, porque desde o início eu já tinha chegado à conclusão de que não havia como estudar as traduções para o hebraico, que era o que me interessava, sem olhá-las também sob a perspectiva histórica e o seu desenvolvimento. Eu me perguntei: “Ok, o que é que eu vou incluir em meu *corpus*?”, e não consegui encontrar uma resposta. Então, eu li todas as teorias que poderiam ser encontradas em inglês e em alemão e, por extensão, algumas em russo também, assim como a Escola de Nitra. Esta escola era a que se encontrava mais próxima do meu trabalho, com a diferença de que era voltada para

-70s – none of them gave me the possibility of distinguishing in theory – or even in practice – between translation and non-translation. So I had to theorize for my own good, for my own possibility... making my choices more than just intuition.

DS: You've always insisted on working on the basis of case studies. How do you select your cases? Because this is something that every one of us in the field – if we are honest – we ask ourselves, are we sure that what we're working on will be relevant? In graduate courses, this is certainly one question that students like to ask. That is, how do you know that the case that you are working on will be productive?

GT: First of all, I don't. But before I go back to that I have to correct something else in the formulation of the question. It is not that I have a theoretical point which I am developing and then I look for cases, but it's normally the other way around. I understand how and why it is not always visible, because in many cases I publish the theoretical discussions first, or maybe even only. There are many studies that I have already published "theoretically" – some of them haven't been finished yet. I don't select test cases on the basis of the assumption that they will be interesting

questões ideológicas muito mais do que eu me encontrava, naquela época, preparado para aceitar. Mas, quando tomei conhecimento da teoria do Skopos, a qual era bastante recente - estava em seus inícios no meio dos anos setenta - nenhuma delas permitiu que eu distinguísse, em teoria - ou mesmo na prática - entre tradução e não-tradução. Assim, tive que teorizar para mim mesmo, para meus objetivos... fazendo minhas escolhas de modo a utilizar mais do que apenas intuição.

DS. Você tem insistido em trabalhar sempre com base em estudos de caso. Como você seleciona seus casos? Esta é uma pergunta que, neste campo, todos nos fazemos - se somos honestos - perguntamos, será que temos certeza de que é relevante isto em que estamos trabalhando? Em cursos de pós-graduação, esta é com certeza uma pergunta que os estudantes gostam de fazer. Isto é, como é que você sabe que o assunto em que você está trabalhando será produtivo?

GT. Antes de mais nada, eu não tenho como saber isso. Mas antes de voltar a este assunto preciso corrigir algo na formulação da sua pergunta. Não é que eu tenha uma teoria que esteja desenvolvendo e então eu procuro por casos em que aplicá-la, geralmente é o contrário. Entendo como e por que esta situação nem sempre é perceptível, porque em muitos casos eu costumo publicar primeiro as discussões teóricas, ou as vezes apenas elas. Há muitos estudos que já publiquei sob uma perspectiva teórica - alguns deles ainda não concluídos. Não costumo selecionar estudos de caso

or relevant. I think every case is relevant – every test case is instructive. In retrospect, you could say that case ‘x’, was *more* illuminating, had newer things about it than case ‘y’. But, *a priori*, every case is of interest. However I do think that after having worked for more than 30 years in the field – I have informed intuitions. Maybe at the beginning I couldn’t base them on very much... why they are potentially more illuminating than another. I think that this is the whole point about intuitions. You have to have them in every kind of research, not only in Translation Studies. But, as you go along and you become more conversant with the field, your intuitions get more and more informed. They are still intuitions, which means that they are not completely conscious. But, it is wrong to presume that I pick up a case which I know will be interesting. I’ll give an illustration. A version of this article exists in English so you will be able to follow it, if you remember it, or you could check it later on. I once was invited to a national Israeli conference on the poet Bialik, the national poet – modern Jewish poet from the late 19th-early 20th century. And I was asked to talk about his translation or adaptation – for me it’s kind of a translation, but I don’t want to digress too much – of *Don Quixote*. I don’t know Spanish, but he didn’t translate it from Spanish; he translated it from either Russian or German or while looking at both versions. And I happened to find in the Bialik archives two notebooks with a draft version of his translations of *Don Quixote*. This is, by the way, one case study which is still going on and will take years to finish, if at all.

com base na suposição de que serão interessantes ou relevantes. Acho que todo caso é relevante - todo estudo de caso é instrutivo. Olhando para trás, se poderia dizer que o caso ‘x’ foi *mais* elucidativo, possuía mais novidades do que o caso ‘y’. Mas, *a priori*, todo caso possui algum grau de interesse. Entretanto, eu realmente acho que após ter trabalhado por mais de trinta anos neste campo, tenho o que se pode chamar de intuições informadas. Talvez no começo não tivesse muito em que fundamentá-las... por que seriam potencialmente mais elucidativas do que outras? Acho que este é o ponto quando se tratam de intuições. Você tem de tê-las em todo tipo de pesquisa, não apenas em Estudos da Tradução. Mas, conforme você segue adiante e se torna mais articulado em relação ao campo, suas intuições tornam-se cada vez mais informadas. Ainda são intuições, o que significa que não são totalmente conscientes. Mas, é errado supor que seleciono um caso o qual sei de antemão que será interessante. Vou lhe dar um exemplo para ilustrar. Existe uma versão em inglês deste artigo que vou mencionar, assim você poderá acompanhar minha reflexão, se você sabe do que estou falando, ou então você poderá conferir mais tarde. Certa vez fui convidado para uma conferência nacional, em Israel, sobre o poeta Bialik, o poeta nacional – poeta judeu moderno do final do século XIX -início do século XX. Foi-me solicitado que falasse de uma tradução ou adaptação sua - para mim se trata de um tipo de tradução, mas não quero fazer um digressão muito longa - do *Don Quixote*. Eu não sei espanhol, mas ele não traduziu aquela obra a partir do espanhol; ele fez a tradução

I was invited to that conference as a translation scholar with the focal point “Hebrew literature”, because it was organized by the Department of Hebrew Literature. And of course they presumed I’d be talking about translation, because I have very little to contribute in any other field ... Bialik has been studied by so many people, it’s almost like studying Goethe or Shakespeare. So, I said to them, “How long do I have?” – “20 minutes or 25 minutes.” It was going to take place about two or three weeks later. And I said “No, I won’t be able to study *Don Quixote* in two or three weeks. Let’s postpone it. I’ll skip this conference” – then they said, “No, no, find something else.” So, I took something which was on my desk, but I had never started working on it. I sensed that there was something interesting there, because there was a book of ten short stories for children that Bialik translated from German. And one of them looked different from the others because it was a story in verse and all the rest were not. So I looked at the German original – to see if this one was different from the others and the answer was “no”: So I said, “OK, now I have a topic. I have something to search for. Maybe I won’t find anything, but I have something that intrigues me.” I started working on it and found a gold mine of phenomena which were the clearest indication that I had so far that translations from German into Hebrew in this period went *via* at least *thinking* about Russian literature.

a partir do russo ou do alemão, ou considerando as duas ao mesmo tempo. E aconteceu que encontrei nos arquivos de Bialik dois cadernos com uma primeira versão da sua tradução do *Don Quixote*. Isto, a propósito, é um estudo de caso que ainda está em andamento e levará anos até que esteja terminado, se chegar a tanto. Fui então convidado para aquela conferência que mencionei enquanto um acadêmico do campo da tradução, com o foco em “literatura hebraica”, porque o evento havia sido organizado pelo Departamento de Literatura Hebraica. E é claro que eles imaginaram que eu falaria sobre tradução, por que eu poderia contribuir muito pouco em qualquer outro campo... Bialik tem sido estudado por tantas pessoas, é quase como estudar Goethe ou Shakespeare. Então, eu disse aos organizadores, “Quanto tempo eu tenho?” - “20 ou 25 minutos”. O evento ocorreria dentro de duas ou três semanas. Então eu disse “Não, não tenho condições de estudar o *Don Quixote* em duas ou três semanas. Vamos deixar para mais tarde. Acho melhor eu não participar desta conferência” - então, eles disseram, “Não, não, encontre alguma outra coisa”. Assim, eu peguei alguma coisa que estava sobre a minha mesa, mas que não havia começado a trabalhar ainda. Percebi que havia algo de interessante naquele material, que era um livro contendo dez contos para crianças que Bialik havia traduzido do alemão. E um deles parecia diferente dos outros por que se tratava de uma história em versos, enquanto todos os outros eram em prosa. Então, dei uma olhada no original em alemão - a fim de verificar se aquela história em versos era realmente

diferente das outras e pude constatar que não era. Então, eu disse, “Está bem, agora eu tenho um tema sobre o qual poderei falar. Tenho algo que preciso descobrir. Talvez eu não encontre nada, mas estou diante de algo que me intriga”. Comecei a trabalhar no material e encontrei uma mina de ouro de fenômenos que indicavam de maneira muito clara que as traduções do alemão para o hebraico, naquele período, deram-se *via*, pelo menos tendo em mente, a literatura russa.

DS: I feel like asking you at this stage how important teamwork has been for you in your investigations, because you have also been a member of a very influential school. How important has the intellectual climate in that school been in helping you formulate some of your theoretical aspects based on the kind of intuitive sense you just described?

GT: What school do you have in mind now? What is called the Manipulation School or what is called the Tel Aviv School?

DS: I was thinking more of the Tel Aviv School. But of course, what you refer to as the Manipulation School was also the frame of thinking that some people associated you with for a long time.

GT: I don't think there ever was a Manipulation School – not in the sense of a *school* – it was just a group of people who found two common denominators: (a) it was about a group of people of about the same

DS. Gostaria de perguntar-lhe a esta altura qual a importância do trabalho em grupo para você, porque você é parte de uma escola bastante influente. Qual a importância do contexto intelectual desta escola na sua tarefa de formulação de aspectos teóricos basedos neste tipo de sentido intuitivo que você acabou de descrever?

GT. De qual escola você está falando? A que é chamada de Escola de Manipulação ou a que é conhecida por Escola de Tel Aviv?

DS. Eu tinha em mente a que você chamou de Escola de Tel Aviv. Mas claro que esta a que você se refere por Escola de Manipulação foi também, por um bom tempo, o contexto de reflexão com o qual algumas pessoas costumavam associar o seu nome.

GT. Acho que nunca existiu uma Escola de Manipulação - não no sentido de uma *escola* - era apenas um grupo de pessoas que encontram dois denominadores em comum: (a) tratava-se de um grupo de pessoas de mais

age who liked to be with one another and to talk. And (b) what we had in common was displeasure with the existing situation and a general direction of thinking about how to change it. But it never crystallized into a school. And I think that it's a direction which sometimes prevents us from seeing what actually happened. Because we are all falling into the same category and people think that everybody does exactly the same thing... and thinks about the same things in the same way. So, let's not talk about a Manipulation School. I've tried to influence people not to write about it. They still do, but I don't think there was anything like that. In Tel Aviv at least, there was a group. A very small one, but rather tightly knitted. And some of us are still working together, but I don't know how big a group has to be in order to be a group – and we were always only two, three, four people and not more than that. I have to mention here the extensive and thorough influence of Itamar Even-Zohar, who is not the reason why I am in Translation Studies, but he is to a certain extent the reason why I am in Translation Studies in a non-traditional way, or at least what was non-traditional in the 70s. I was interested in translation – and in thinking about translation – before I even met him. That you can find in the interview I did with Miriam (Shlesinger) (<http://www.tau.ac.il/~tourney/interview.html>). And I was highly influenced by at least two books – two very different books – and very different from my own work: Nida's book of the 60s on Bi-

ou menos a mesma idade que gostavam de se encontrar e conversar; e (b) o que nós tínhamos em comum era um certo desconforto com a situação vigente e uma idéia geral de como mudar esta situação. Mas este grupo nunca se transformou em uma escola. Acho que este é um dos motivos que muitas vezes nos impede de perceber o que realmente ocorreu. Porque todos nos enquadrámos numa mesma categoria e as pessoas pensam que fazemos todos a mesma coisa... e que pensamos sobre as mesmas coisas e da mesma maneira. Então, não vamos falar de uma Escola de Manipulação. Tenho tentado influenciar as pessoas para que não escrevassem sobre este assunto. Alguns ainda o fazem, mas acho que nunca houve algo que pudesse ser chamado assim. Em Tel Aviv, no entanto, havia um grupo. Bem pequeno, mas muito coeso. Alguns de nós ainda trabalham juntos, mas não faço idéia que tamanho um grupo deve ter para ser chamado de grupo - e éramos sempre duas, três, quatro pessoas, não mais do que isso. Preciso mencionar aqui a intensa e prolongada influência de Itamar Even-Zohar que, apesar de não ser o responsável pela minha opção pelos Estudos da Tradução, é até certo ponto o responsável pela minha inserção nos Estudos da Tradução de uma maneira não tradicional, ou pelo menos o que era não tradicional nos anos setenta. Eu já estava interessado pela tradução - e em pensar sobre a tradução - antes mesmo de encontrá-lo. Você pode encontrar esta informação na entrevista que dei a Miriam Shlesinger⁴. Também fui bastante influenciado por pelo

⁴ Ver na página do autor em <<http://www.tau.ac.il/~tourney/interview.html>>.

ble translation – not the Nida-Taber book, but Nida, the real one, and then there was Catford. And I’ve never been a Nidean, nor a Catfordian, but they were an important thread: they told me there are interesting things to be said about translation – of course, I translated myself before that so I knew what was involved and I was very much interested in it. But the real impulse was when I read Even-Zohar’s doctoral dissertation of 71, or 72 – I’m not sure now – which was a completely new thing. And up until today I blame him for not having it published. It really brought in a formalized way textual analysis into the social field, the socio-cultural field even. So, again, the roots of many things he said later on are also in his dissertation. And then, the word “norms” – which I haven’t invented, neither has he – he mentioned it in one or two pages on the basis of work done by Jiri Levy and even gave one or two small examples. And since then I’ve been going step by step in – not in a short, straight line but in a helical way – forward and not backwards, I hope. I don’t return to the same point. I hope that if I return to the similar thing, it will be a bit advanced. But Itamar stopped doing research into translation per se. He still keeps himself informed about new things. And he was always somebody I could talk to. And, the rest of the group – to the extent that we are a group – were already students of us both.

menos dois livros - bastante diferentes entre si - e bem diferentes do meu próprio trabalho: o livro de Eugene Nida sobre a tradução da Bíblia - não o que ele escreveu com Charles Taber⁵, mas o Nida, o verdadeiro, e também Catford⁶. Eu nunca fui um nideano ou um catfordiano, mas eles representavam uma tendência importante: eles me mostraram que há coisas interessantes a serem ditas sobre tradução, é claro; e nessa época eu já tinha feito algumas traduções e então eu sabia o que estava em questão, e eu estava bem interessado. Mas o verdadeiro estímulo foi a leitura da tese de doutorado de Even-Zohar de 1971 ou 1972, não me recordo exatamente, que era algo completamente novo. E até hoje eu o culpo por nunca tê-la publicado. Sua tese possibilitou de fato a inserção do trabalho de análise textual no campo sociológico, e até mesmo no terreno sócio-cultural. Então, repito, as sementes de muitas coisas que ele veio a afirmar mais tarde já haviam sido plantadas em sua tese. E, para completar, o termo “norma” - o qual não foi invenção minha, e nem dele - foi por ele mencionado em uma ou duas páginas em que tratava do trabalho feito por Jiří Levý, fornecendo um ou dois exemplos pequenos. Desde então, tenho prosseguido passo a passo - não de maneira direta, mas com muitas voltas - adiante e não para trás, eu espero. Eu não retorno ao ponto de partida. Espero que se eu retornar a algo parecido, será com um pouco de diferença. Mas Itamar dei-

⁵ Nida, E. A. & Taber, C. R. (1969) *The Theory and Practice of Translation: With Special Reference to Bible Translating*. Leiden: Brill Academic Publishers, 226 páginas. ISBN 978-90-04-13281-8.

⁶ Catford, John C. (1965) *A Linguistic Theory of Translation: an Essay on Applied Linguistics*. London: Oxford University Press, viii + 103 páginas.

DS: I am also interested in the very practical ways in which you worked with Itamar. You've been referring to the influences that his writings had on you and on other people but in very practical terms, how did the group (if not the school) meet? How did the two of you and a few others – your students, but also colleagues and students turned colleagues – meet? Did you hold seminars together? Did you pick up on each other's ideas?

GT: We did have one or two joint seminars that I gave with Itamar. One of them was very interesting, because we had only two students, but both of them became professors later on. One was Zohar Shavit, the other was the late Rina Orory. We talked about various things and these things were always professional, academic, scientific, theoretical all mixed up.

DS: A sort of think tank ...

GT: Maybe, but... Yet, you know, we are also very great friends. We could talk for two hours, talk about computer studies, about the use of computers for drawing or for voice recognition. And then, all of a sudden, ask a question about a new arti-

xou de pesquisar em tradução propriamente. Ele ainda se mantém atualizado sobre o que vem sendo feito de novo. E ele sempre foi alguém com quem eu pudesse conversar. O restante do grupo, na medida em que somos um grupo, eram todos nossos alunos.

DS. Também gostaria de saber a respeito da sua prática de trabalho com Itamar. Você se referiu à influência que o trabalho dele exerceu sobre você e outras pessoas, no entanto de maneira muito prática. Como foi que o grupo (se não podemos chamar de escola) se formou? Como foi que vocês dois, e mais alguns outros - seus alunos, mas também colegas, e alunos que se tornaram colegas - se encontraram? Vocês apresentaram seminários juntos? Vocês usavam as idéias um do outro?

GT. Itamar e eu apresentamos um ou dois seminários juntos. Um deles foi muito interessante porque tínhamos apenas dois alunos, e os dois tornaram-se professores mais tarde. Uma deles era Zohar Shavit, o outro era Rina Drory, que já não está mais entre nós. Nós falávamos sobre muitas coisas ao mesmo tempo, relacionadas ao trabalho, à vida acadêmica, temas teóricos e científicos.

DS. Era uma espécie de fonte de inspiração...

GT. Talvez, mas... além disso, somos grandes amigos. Poderíamos falar por horas, sobre estudos em computação, sobre o uso de computadores para desenhar ou para o reconhecimento de voz. E então, de repente, falávamos sobre um artigo recente

cle about literary contacts, or about bilingualism, or about what so-and-so said about Yiddish lately. And the discussion – the conversation more than a discussion – would develop. What we did later on, was we gave each other our manuscripts to comment on. This was a more formal thing, because then you had to give local – general or local but precise – comments to what was already written. And we did criticize each other, sometimes very harshly. In fact, I used to tell him... He, of course, being my senior, I don't think he had many scruples in telling me things that he thought about my writing. But little by little, I started doing it to him as well. Not as a revenge – a kind of revenge – but I simply saw the point in it. And the paper he wrote on the transfer thing... he wrote it for a conference that we organized... in Tel Aviv in 78 so it was rather early. I was the editor of it... being editors of the volume together he edited me... Actually he almost didn't edit me, but I edited him. But all our attempts to write joint articles failed. We are too individualist as persons and also in terms of writing. We did try, though, not in translation... because that was when he didn't work in translation any more, it was about cultures in contact. So, we went back to commenting on each other's work and we never found a modus... we still want to... but we can't seem to find a modus of cooperating.

tratando de literaturas em contato, ou sobre bilinguismo, ou sobre o que fulano havia dito sobre o iídiche ultimamente. E a discussão - a conversa mais do que a discussão - se desenvolvia assim. Mais tarde, o que começamos a fazer foi trocar nossos manuscritos entre nós para que fizéssemos comentários. Isto era uma coisa um pouco mais formal, porque então tínhamos que fazer comentários específicos - gerais ou específicos, mas precisos - sobre o que estava escrito. E nós fazíamos críticas uns aos outros, algumas vezes de maneira bem ríspida. Na verdade, eu costumava dizer a ele.... Ele, é claro, sendo mais velho do que eu, acredito que não tivesse muito receio em me dizer coisas que ele pensava sobre meus textos. Mas, pouco a pouco, comecei a fazer o mesmo com ele também. Não como uma forma de vingança, mas simplesmente porque eu sabia do que se tratava. E o artigo que ele escreveu sobre aquela questão da transferência... ele o escreveu para uma conferência que nós havíamos organizado... em Tel Aviv em 1978, estávamos então bem no início. Eu era o editor do artigo... estávamos editando o volume em conjunto, ele fez a edição do meu artigo.... Na verdade ele quase não fez alterações, mas eu fiz alterações no artigo dele. Mas todas nossas tentativas de escrever artigos em conjunto falharam. Temos personalidades muito individualistas e também em termos de escrita. Nós tentamos, mas não em relação à tradução... porque naquela época ele já não trabalhava mais com tradução, ele havia se interessado por culturas em contato. Então, nos dedicamos a comentar um o trabalho do outro e nunca encontramos um me-

DS: How do you reflect – some 30 years after you became interested in the topic – on the persisting lack of departments of Translation Studies as such throughout the world – the slowness of the process? There are schools of translation. We are having this exchange in such a school right now. And, in many other places, Translation Studies has acquired a status in host departments ... from Comparative Literature to Departments of English or French Studies, that is. But overall there hasn't been any materialization of an institutional interest on the part of the university for this field, which is expanding, I would say, almost exponentially, in terms of research, not teaching. You can open so many books and read so many articles these days written by people who have a position in departments that have *nothing* to do – in title at least – with translation and that deal with Translation Studies. This might even have important implications, I think, because some of those people often write very interesting things, but they don't seem to take into account much of the work that's been done over the last 25 years.

GT: I don't know where to start. It is a very complex question which

io... nós ainda procuramos... mas parece que não conseguimos encontrar um meio de cooperação.

DS. Como você considera - depois de ter se interessado pelo tópico por mais de trinta anos - na persistente falta de departamentos de Estudos da Tradução propriamente no mundo todo - a lentidão deste processo? Há escolas de tradução. Neste exato momento nós estamos aqui conversando em uma dessas escolas. E, em muitos outros lugares, os Estudos da Tradução adquiriram um certo destaque em departamentos que os acolheram... desde em literatura comparada até departamentos de inglês ou de francês. Mas, de maneira geral não tem havido nenhum tipo de materialização de um interesse institucional por parte das universidades neste campo, que está em expansão, eu diria, de maneira quase exponencial, em termos de pesquisa, não do ensino. Hoje em dia, podemos abrir uma grande quantidade de livros e ler uma grande variedade de artigos escritos por pessoas que detém uma posição em departamentos que não tem *nada* a ver - pelo menos em suas denominações - com tradução, mas que trabalham com Estudos da Tradução. Isto poderia ter consequências importantes, eu acredito, porque algumas destas pessoas com frequência escrevem coisas interessantes, mas que não parecem levar em consideração muitos dos trabalhos que tem sido feitos nos últimos vinte e cinco anos.

GT. Não sei por onde começar. Trata-se de uma questão muito complexa

touches on many things. Maybe we had better cut it down into components. I wouldn't talk about it globally. I think we'd better cut it down into smaller parts and see what places do have Translation Studies and what places do not ... or are even against having Translation Studies; maybe there are reasons behind it. It's like a test case in metathinking about translation ... not in Translation Studies itself. First of all, let's take as a case in point, Spain. Spain – the government or the Minister of Education... or I don't know who ... decided at one point that translation was culturally important. Not only preparing people to do it, but also reflecting on it. And they have started one by one ... schools of Translation Studies were formed in 15 universities or so – which maybe is already too much because sometimes they compete with each other; even though they try to be different – some of them are different, some of them try to be but are not really very different. Now there is an academic interest in an academic phenomenon. Once you've found something more academic, you start having a need for professors and lecturers. And the system says you can't become a full professor or be promoted in a regular way unless you at least have a PhD. So people are forced to write PhD theses. I won't say... against their will, because if somebody strongly doesn't want to write a PhD thesis, he or she cannot write it and they will even give up a position in academia or be given a secondary position as just a teacher of translation. But the system puts pressure on people to write dissertations. Some of them became more and more interested in doing re-

que incorpora muitas coisas. Talvez devêssemos cortá-la em pedaços. Eu não trataria desta questão de maneira global. Parece-me mais indicado dividi-la em partes menores e ver quais lugares realmente possuem Estudos da Tradução e quais não possuem... ou que até mesmo são contrários a ter Estudos da Tradução; talvez eles tenham razões para isto. É como se fosse um caso teste na metareflexão sobre tradução... Não em Estudos da Tradução propriamente. Primeiro, vamos considerar o caso da Espanha. Na Espanha - o governo ou o Ministro da Educação... ou alguém assim... decidiu-se a certa altura que a tradução era culturalmente importante. Não apenas preparar pessoas capazes de fazer tradução, mas também de refletir sobre ela. E começaram uma a uma... escolas de Estudos da Tradução foram constituídas em mais ou menos quinze universidades - o que talvez possa ser demais porque algumas vezes elas competem entre si; embora elas busquem se diferenciar umas das outras - algumas conseguem, outras tentam mas não chegam a tanto. Então estamos diante de um interesse acadêmico a respeito de um fenômeno acadêmico. Uma vez que encontremos algo mais acadêmico, começa-se a ter a necessidade de professores e especialistas. E o sistema impede que você se torne um professor efetivo, ou que tenha um plano de carreira a menos que tenha um doutorado. Então, as pessoas são obrigadas a escrever teses de doutorado. Eu não diria que... contra as suas vontades, pois se alguém realmente não quer escrever uma tese, ele ou ela não conseguirá escrevê-la e irão até mesmo abrir mão de uma posição na universidade ou então ocupar uma

search. In Spain there are now lots of people and lots of groups doing actual research mainly into historical portions of literary and non-literary translation into Spanish. This is one place where there is Translation Studies activity. Let's take the 70s. Where were the first centres of Translation Studies in the modern sense of the word – not just teaching, but also doing research and theorization? One of the first places was Amsterdam. Again, it's a small country where people know from experience – the importance of languages, multilingualism and already translation from one language to the other. If you take, for example, England, it is something that they tried to look away from, but don't. I mean, they are trying to pretend that English could be self-sufficient and they never resorted to translation. Translation seen as something very marginal and not very interesting. But it did change when (a) they saw what was going on in other countries; (b) they started having more and more people in the system coming from other countries. One of the interesting things is that many people who are major figures in Translation Studies work in a country that is not originally theirs, or even sometimes in a language that they acquired. Here, I am not ashamed to give names. One of the main figures in Translation Studies in Finland is Chesterman, he's British. In England itself, some central names like Kirsten Malmkjaer who is Danish, Mona Baker was Egyptian, Peter Newmark was originally from Czechoslovakia ...

posição secundária, apenas como um professor de tradução. Mas o sistema pressiona as pessoas para que escrevam teses. Algumas delas tornam-se aos poucos mais e mais interessadas em pesquisa. Na Espanha há muitas pessoas e vários grupos fazendo pesquisa de fato, principalmente em partes da história da tradução literária e não-literária para o espanhol. Este é um lugar em que há bastante atividade em Estudos da Tradução. Vamos considerar os anos setenta. Onde é que se encontravam os primeiros centros de Estudos da Tradução no sentido contemporâneo do termo - não apenas o ensino, mas também a pesquisa e a teorização? Um dos primeiros lugares foi Amsterdam. Novamente, é um país pequeno em que as pessoas sabem pela experiência - a importância das línguas, multilinguismo e até a tradução de uma língua para a outra. Se você considerar, por exemplo, a Inglaterra, esta condição é algo com que eles buscaram não se preocupar, mas não. Quero dizer, eles tentam fazer de conta que o inglês pode ser auto-suficiente e então eles nunca se voltaram para a tradução, sendo esta vista como algo marginal e pouco interessante. Mas isto não mudou quando (a) eles viram o que estava acontecendo em outros países; (b) começaram a incorporar em seu sistema cada vez mais pessoas vindas de outros países. Uma coisa interessante é que muitas das pessoas que são figuras importantes nos Estudos da Tradução trabalham em países que não são os seus lugares de origem, ou até mesmo, algumas vezes, em uma segunda língua para eles. Neste caso, não tenho vergonha de fornecer alguns nomes. Uma das principais figuras dos Estudos da Tradução na Fin-

DS: The same goes on the American continent. ..

GT: On [the] American continent, it's just in the process of becoming more and more important. America is the classical example of "pretending"; because it always had and especially in the 20th century – the problem of multilingualism, no less than in Amsterdam. But instead of holding the bull by its horns, they pretended that it was no problem. And if you don't think about bilingualism, you hardly think about translation. Here, I need to say something which I sincerely think and deplore: which is that universities, which should have pushed pioneering and modernizing approaches to life and reality, tend to be some of the most conservative places on earth. They do not give room to new things, because innovations detract from the power of already existing institutions.

DS: You've been working now for a few weeks in Toronto on a book about "fictitious translations": I was wondering how you came about wanting to write a book – length study of that phenomenon; I remember that in your 1995 volume fictitious translations were certainly mentioned, but it didn't look at the time as if it would develop into a book-length study. And so something must have trig-

lândia é Chesterman, ele é britânico. Na Inglaterra mesmo, dentre alguns dos nomes principais, Kirsten Malmkjær é dinamarquesa, Mona Baker era egípcia, Peter Newmark era originalmente da Tchécoslováquia...

DS. O mesmo acontece no continente americano...

GT. No continente americano, se está no processo de se tornar cada vez mais importante. A América é o exemplo clássico de "fazer de conta", pois nela sempre houve - e especialmente no século XX - o problema do multilinguismo, não menos do que em Amsterdam. Mas em vez de segurar o touro pelos chifres, eles fazem de conta que isto não representa um problema. E se você não pensa a respeito do bilinguismo, você dificilmente pensará a respeito da tradução. E preciso dizer algo que eu sinceramente penso e deploro, que é o fato de que universidades, as quais deveriam ter adiantado abordagens pioneiras e modernizadoras para a vida e a realidade, tendem a ser alguns dos lugares mais conservadores em todo o planeta. Elas não abrem espaço para inovações pois isto diminui o poder de instituições existentes.

DS. Faz algumas semanas que você está trabalhando, aqui em Toronto, em um livro sobre "traduções fictícias". Fiquei pensando em como foi que você veio a se interessar em escrever um livro inteiro sobre este fenômeno; eu lembro de você mencionar a respeito delas em seu livro de 1995, mas não pensei naquela época que você se dedicaria ao estudo deste assunto a ponto de escrever um livro inteiro. Parece

gered in you the desire to write again on this subject. And I was wondering also how you came to pick this particular issue, which is in fact still considered by many people, first, as not part of translation; and also, as a marginal phenomenon.

GT: First of all, there is nothing wrong in writing about marginal phenomena, because they may be very illustrative, very telling with respect to things that are more central or more general. But, on the other hand, I wouldn't say that fictitious translations are such a marginal phenomenon. People who have never been into that may think that it is marginal. Since I have been working on it for 25 years, I can say for sure that it's much less marginal than we thought – both in terms of numbers of cases and in terms of their contribution to historical processes. I picked it up in 1980 purely by chance like many other things. I came across the case of Amo Holz and Johannes Schlaf's *Papa Hamlet*, which was published at the end of the 19th century under the assumed name of Bjarne Peter Holmsen as a translation from the Norwegian. I thought to myself at first that it was a fascinating case. I'd never encountered anything like it. That was my problem ... it stemmed from my ignorance because when I started looking into it, I immediately had a long list of similar examples – I mean a couple of dozen cases – some of them very famous. And then, there was one person who was instrumental in the development of this research, my Spanish colleague, Santoyo, who gave a lecture at one con-

que algo o estimulou a voltar a este assunto. E também fiquei imaginando como foi que você escolheu se dedicar a esta questão específica, a qual é ainda considerada por muitas pessoas, primeiro como não fazendo parte do campo da tradução e, além disso, como um fenômeno marginal.

GT. Antes de mais nada, não há nada errado em se dedicar a fenômenos marginais, porque eles podem ser muito instrutivos a respeito de questões que são mais centrais ou mais gerais. Mas, por outro lado, eu não diria que o fenômeno das traduções fictícias seja marginal. As pessoas que nunca se dedicaram a ele podem pensar que se trata de algo marginal. Como faz já vinte e cinco anos que tenho me dedicado ao assunto, posso afirmar que se trata de algo bem menos marginal do que podemos imaginar - tanto em termos de quantidade de casos quanto em termos de sua contribuição para processos históricos. Eu me voltei para este assunto em 1980, totalmente por acaso, como em muitos outros assuntos. Eu me deparei com o caso do *Papa Hamlet* de Arno Holz e Johannes Schlaf, o qual havia sido publicado no fim do século XIX sob o suposto nome de Bjarne Peter Holmsen, como uma tradução do norueguês. Primeiro eu pensei que se tratava de um caso fascinante. Eu nunca havia encontrado algo assim. Esse foi o meu problema... por causa de minha ignorância, porque quando eu me debrucei sobre o caso, imediatamente surgiu uma enorme lista de outros casos semelhantes - quero dizer, por volta de uns vinte e poucos casos - e alguns deles bem famosos.

ference that I happened to be at on fictitious translation as a literary device; not as a historical device, or as a cultural device, but as a trick! a literary trick – to build some kind of a framework around a work of art and he had a short list of cases there. Then I started reading ... I wrote a little article about *Papa Hamlet* in Hebrew; about 5 or 6 pages, which looked at it from the literary-history point of view ... not in terms of translations at all. Of course, translations appeared many times in the article, because there was an assumed translator there and it was presented as a translation. And there was the question of what it does – to the reader? Or what it does to literature or to culture. And then little by little, I came to Translation Studies where I was working anyways, but not with pseudo-translation at that time. So what about the transition from one status to the next? It is quite interesting to ask what happens when there is such a transition. For instance, in the first gothic novel, *The Castle of Otranto* by Horace Walpole, there is a difference of a few months between the first and the second editions. The first edition was presented as a translation, was accepted as a translation, and the second one wasn't. In the second edition they also disclosed the author's identity. But the first edition was read in a completely different manner from the second even though the narrative had not changed a bit. Certainly the claim has been made – long before I studied translations – by me and by many others that translations tend to be read differently than non-translations ... that you allow for instance more license or that you let yourself accept things that in original

E então, havia uma pessoa que foi de grande ajuda para o desenvolvimento desta pesquisa, meu colega espanhol Santoyo, que fez uma apresentação em um evento sobre traduções fictícias como recurso literário em que eu me encontrava; não como um recurso histórico, ou cultural, mas como uma jogada! Uma jogada literária - a fim de construir um certo tipo de contexto em torno de uma obra de arte, e ele mostrou uma pequena lista de casos. Então eu comecei a ler... Escrevi em hebraico um pequeno artigo sobre o *Papa Hamlet*; umas cinco ou seis páginas, que se voltavam para o texto do ponto de vista histórico-literário... de forma alguma em termos de tradução. Claro, muitas vezes no artigo há menção às traduções, porque havia um suposto tradutor do texto, que era apresentado como uma tradução. E havia a pergunta de qual seria o efeito disto - para o leitor? Ou quais as consequências para a literatura ou para a cultura. Então, aos poucos, eu cheguei até os Estudos da Tradução que era com o que eu de qualquer modo estava trabalhando, apesar de que não com as pseudotraduções. E, assim, como se dava a transição de uma condição à outra? É bastante interessante perguntar sobre o que acontece quando ocorre uma tal transição. Por exemplo, a primeira novela gótica, *The Castle of Otranto* de Horace Walpole, há uma pequena diferença de alguns meses entre a primeira e a segunda edição. A primeira edição havia sido apresentada como sendo uma tradução, foi aceita como uma tradução, mas a segunda não. Na segunda edição foi também revelada a identidade do autor. Mas a primeira edição havia sido lida de maneira

writing you wouldn't have accepted – you would accept more easily when reading a translation just because it is a translation – the original writer may be a “barbarian”: he is not “one of us”.

DS: I assumed that you would pick up willingly on this subject. How many such cases have you been working on so far? And, how do you foresee the final appearance of the book?

GT: It depends on how you count them and I don't have a real measurement. As long as we are talking about, let's say, *The Castle of Otranto* or *Papa Hamlet*, the two examples that I gave, you can easily count them, because each of them is just standing alone in this particular moment – even though one of the cases that I make in regard to *Castle of Otranto* is that Walpole was a deceiver as well as a “deceivee” in at least four or five other cases. So, they are not really – except for one – fictitious translations by Walpole but part of the cultural atmosphere that he was working in. So, should I count these cases? Because some of them in the same period were definitely fictitious translations and some of them were not.

completamente diferente da segunda, muito embora a narrativa não tenha sido modificada em absolutamente nada. Claro que a afirmação de que as traduções possuem a tendência de serem lidas de maneira diferente das não-traduções, feita por mim e por vários outros, já havia também sido feita muito tempo antes de eu começar a estudar tradução. O leitor concede um maior número de licenças, ou aceita certas coisas que em um original não aceitaria - e estas coisas seriam aceitas simplesmente por se tratar de uma tradução - o escritor original pode ser um “bárbaro”, ele não é “um dos nossos”.

DS. Pensei que havia selecionado este tema intencionalmente. Em quantos casos desta natureza você já trabalhou até agora? E como você acredita que será o livro, quando terminá-lo?

GT. Depende do modo como você os conta e eu não tenho uma idéia exata a este respeito. Até o ponto em que estamos falando de, vamos dizer, *The Castle of Otranto* ou *Papa Hamlet*, os dois exemplos que eu forneci, esta contagem pode ser feita com facilidade, pois cada um deles se situa como única neste momento – embora uma das considerações que eu faço em relação ao *The Castle of Otranto* é a de que Walpole foi um enganador assim como também “enganado” em pelo menos quatro ou cinco outras oportunidades. Então, elas não são exatamente - com a exceção de uma - traduções fictícias feitas por Walpole, mas parte da atmosfera cultural na qual ele estava inserido e trabalhava. Assim, deveria eu considerar cada um destes casos e contá-los como

DS: For instance?

GT: For instance, already with Macpherson's *Ossian*, it's not 100% clearwhether it's a 100% fictitious translation, it's certainly not a 100% genuine text. But, there is another interesting small incident where Walpole forged a letter to Rousseau. And he didn't mean it to get known publicly, it was an inside joke, but somebody printed it anyway.

DS: You mean a letter addressed to Rousseau? By whom?

GT: By Frederick the Great. There's a whole series in Israel – about 300 books of the same series that are all fictitious translations. Should I count them as one substantial case or as 300 cases?

DS: It is very clear to me, and I hope readers less familiar with your work will realize, that you make it part of something – an aggregate of phenomena – that goes far beyond the issue of translation as a practice of text transfer. In fact, however you consider it, you're really talking about a whole transcultural practice – there. Fictitious translations are not isolated items, they are part of a whole set of cultural practices in a particular culture at a given time.

exemplos? Pois alguns deles no mesmo período eram definitivamente traduções fictícias e alguns outros, não.

DS. Por exemplo?

GT. Por exemplo, com o *Ossian* de Macpherson, não está totalmente claro que se trata cem por cento de uma tradução fictícia, mas se sabe que não é um texto cem por cento genuíno. Mas há um outro pequeno incidente curioso em que Walpole forjou uma carta a Rousseau. E ele não tinha a intenção de que ela se tornasse conhecida publicamente, era uma brincadeira particular, mas alguém acabou imprimindo e publicando-a.

DS. Você quer dizer uma carta endereçada a Rousseau? Assinada por quem?

GT. Por Frederico, o Grande. Há em Israel um série inteira - por volta de trezentos livros de uma mesma série que são todas traduções fictícias. Deveria contá-las como um grande caso, ou como trezentos casos separados?

DS. Para mim está bastante claro, e espero que os leitores menos familiarizados com o seu trabalho percebam que você fez disso parte de alguma coisa - um agregado de fenômenos - que se estende muito além da questão da tradução como uma prática de transferência textual. Na verdade, embora você considere isso, você está tratando de toda uma prática transcultural. Traduções fictícias não são exemplos isolados, eles fazem parte de todo um conjunto de práticas culturais em uma dada cultura e em

GT: It concerns more than that. It's also part of literary contacts, of cultural contacts. Even if the contact is a fake one, there is contact... because you use the alleged belonging of a text to "another" culture to make your point. For is it not chance – pure chance – for instance, that the *Castle of Otranto* was presented as a translation from Italian and not, let's say, a translation from Swedish? Or that *Papa Hamlet* was presented as a translation from Norwegian? It could have been just as good to take it from Sweden for that matter, but it would have been completely different had it come from France, because one of the ideas there was to go against French literature by way of the new Naturalism ... the Scandinavian one for a short period of time – maybe 10-20 years – was very central to the development of literature and theater and other things in Germany and in other places in Europe. Or, the fact that Joseph Smith Jr. decided to "translate" the *Book of Mormon* from Egyptian. Of course, he didn't know Egyptian and none of his readers knew any Egyptian, but everybody had a picture of what Egyptian writing – in Old Egyptian – meant. It had a cultural function and they were using this cultural function to drive an idea or set of ideas given a certain form in a particular text. I don't know ... it sounded as if you were claiming that this was the first – or the only – attempt to speak about things more generally cultural and it is not.

um tempo determinado.

GT. Trata-se de mais do que isso. Este fenômeno é também parte do contato de literaturas, de culturas. Mesmo que o contato seja falso, há contato... por que se faz uso de um suposto pertencimento de um texto a "outra" cultura afim de alcançar seu objetivo. Pois não se trata de mero acaso, por exemplo, que o *The Castle of Otranto* tenha sido apresentado como uma tradução do italiano e não, vamos dizer, do sueco? Ou que o *Papa Hamlet* tenha sido apresentado como uma tradução do norueguês? Teria sido válido da mesma maneira se tivesse sido como originário da Suécia, mas teria sido completamente diferente se fosse considerado como originário da França, pois uma das ideias era se colocar contra a literatura francesa por meio do novo Naturalismo... de origem escandinava por um certo período - talvez dez ou vinte anos - foi central para o desenvolvimento da literatura e do teatro e outras coisas na Alemanha e em outros lugares da Europa. Ou, então, o fato de que Joseph Smith Jr. tenha decidido "traduzir" o *Book of Mormon* do egípcio. Claro que ele não sabia egípcio e também nenhum dos seus leitores sabia, mas todos faziam uma ideia de como a escrita egípcia - do egípcio antigo - se parecia. Este fato possuía uma função cultural e eles estavam usando esta função cultural para veicular certas ideias ou um conjunto de ideias de acordo com um certo formato em um texto particular. Não sei... parecia que você estava afirmando que este havia sido o primeiro - ou o único - esforço para tratar de aspectos culturais de maneira geral, mas não foi.

DS: Would it be fair to say then that “translation” for you has become over the years more and more of a pretext to explore further matters... a lever of sort, with which you could begin to make sense of cultural artefacts in a way that nevertheless remained organizationally oriented? Is translation in fact a pretext for you to go after something else?

GT: I don't know exactly what you mean by the word pretext... I mean I understand the semantics but I don't get all of the connotations, because “pretext” can have very negative connotations. And, if you are asking me whether I use it as a pretext in this sense, the answer is no. If I didn't want to talk about translation, I wouldn't have talked about translation. But, I'm certainly interested as much in translation in itself as I am in the wider context and processes similar and different from them, but not necessarily everything. I mean there are many other things that I see the relevance of, but I have decided deliberately not to go in all directions. First of all whenever I do a new thing, I have to train myself anew, because it's not exactly what I did before. So it's not an automatic thing. I cannot really pass from one field to any other field. I always do it in rather small steps. For instance, when I came to talking about literatures in contact – or cultures in contact in general – it was for me a rather natural development. It's not that I use translation as a pretext to talk about contacts. It is that I gradually came to

DS. Seria justo afirmar então que “tradução” tornou-se para você, ao longo dos anos, cada vez mais um pretexto a fim de explorar questões mais complexas... uma espécie de alavanca, com a qual você poderia começar a fazer algum sentido de determinados artefatos culturais de uma forma que se manteve, apesar disso, orientada organizacionalmente? É a tradução na verdade um pretexto para que você possa se voltar para alguma outra coisa?

GT. Eu não sei exatamente o que você quer dizer com a palavra pretexto... isto é, eu consigo entender o seu significado mas me escapa uma grande parte das conotações, pois “pretexto” pode ter conotações bastante negativas. E se você estiver me perguntando se eu faço uso da pesquisa em tradução como pretexto neste sentido negativo, a resposta é não. Se eu não quisesse falar de tradução, eu não o teria feito. Mas estou certamente interessado tanto na tradução em si como no contexto amplo e também naqueles processos semelhantes e diferentes aos dois, mas não necessariamente qualquer coisa. Quero dizer que há muitas outras coisas que eu vejo como relevantes, mas tomei a decisão de não ir em todas as direções. Antes de mais nada, a cada vez que inicio algo novo, preciso treinar eu mesmo novamente, por que não se trata da mesma coisa que eu vinha fazendo até então. Então, não se trata de um processo automático. Não tenho como passar de um campo a outro qualquer. Sempre faço isso aos poucos. Por exemplo, quando comecei a falar sobre literaturas em contato - ou culturas em

the conclusion that you have to put it in the context of contacts between cultures.

I've also become more and more historically oriented. In a sense, many of the things that I've been doing in recent years are already part of the discipline that we call – in our stupid academic way of distinguishing things that are not to be distinguished on any essential base – history. I'm sort of an historian. Actually, I was interested in history as a topic in itself – or a duster of topics in itself – and as a kind of approach to things a long time before. And I might have become a historian “officially” – had it not been for the fact that my father was a historian. And I deliberately wanted to do something which was close to him, because it was of interest to me, but I didn't want to compete with him. I can say something here. So, for instance, later when he was already not a very young person we all of a sudden wrote an article together, because we realized that we are both historically oriented even if our orientations differ; were slightly different but complementary, not really clashing with each other.

DS: It is interesting for your work has become synonymous for many people – many of your readers – as something rather aloof and detached. Particularly, how you

geral em contato - foi para mim um desenvolvimento natural. Não que eu use a tradução como pretexto para falar de contatos. O fato é que cheguei gradualmente à conclusão de que a tradução deve ser colocada no contexto do contato entre culturas.

Também me tornei cada vez mais orientado a uma perspectiva histórica. De certa forma, muitas das coisas que venho fazendo nos últimos anos formam já parte da disciplina a que nos referimos - em nosso modo acadêmico estúpido de distinguir coisas que não são, em seus fundamentos essenciais, distintas - por história. Eu sou um tipo de historiador. Na verdade, eu estava interessado na história como um tema em si mesmo - ou um conjunto de temas em si mesmo - e também como uma espécie de abordagem de certas coisas há muito tempo. E poderia ter me tornado um historiador “oficialmente” - não fosse pelo fato de que meu pai era um historiador. E eu deliberadamente queria fazer alguma coisa que fosse próximo ao que ele fazia, porque era do meu interesse, mas eu não queria competir com ele. Isso eu posso dizer. Então, por exemplo, mais tarde quando ele já não era mais tão jovem, nós de repente escrevemos um artigo juntos, porque nos damos conta de que éramos os dois orientados em direção à história, mesmo que nossas orientações se diferenciassem; éramos um pouco diferentes, mas complementares, não nos opúnhamos de fato.

DS. É interessante porque o seu trabalho se tornou sinônimo para muitas pessoas, muitos dos seus leitores, de algo distante e à parte. Particularmente, o modo como vo-

write and you expound your views has often been considered as aiming for the highest degree of objectivity. And of course, as you said earlier, intuition always plays a role, but there are also factors that may come to one's mind after a while, that is, that were for a long time unconscious, an undercurrent of sorts. But that's more of an aside; I'm not asking you to comment on this, although you may wish to add a few words.

GT: First of all, even though it may not seem that way, I do not for a moment – and I never did – deny the existence of personal reasons. The only thing I was saying was that I did not feel qualified to answer that... to study the psychological side of the matter – that's for psychologists. The second book that I'm writing now in Hebrew is a historical book on literary translation into Hebrew from the Bible to these very days. It is a project I decided not to pursue in Toronto, because I need lots of Hebrew material which is not available here. Some of it only is available in Toronto... In this particular case – this is something I normally do not like to do – I wrote a 20 to 30-page summary of that book which doesn't yet exist in 2 different versions. One was published in the *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* edited by Mona Baker and the other was the opening to the *Bibliography of Jewish Translation History* by Robert Singerman which was published by John Benjamins in 2002. It is already a revision of the first one. I have the material very organized but with lots of lacunae and gaps, not really written down... it is based on a course I

cê escreve e expõe sua perspectiva tem frequentemente sido considerada como buscando o maior grau de objetividade possível. E, é claro, como você disse anteriormente, a intuição está sempre presente, mas há fatores que surgem depois de um certo tempo, isto é, que foram por um bom tempo inconscientes, uma espécie de tendência subjacente. Mas digo isso como um comentário à parte, mas talvez você queira dizer algo a respeito.

GT. Antes de mais nada, apesar de não parecer, nunca neguei a existência de razões pessoais. O que eu estava dizendo era que não me sentia qualificado para dar uma resposta... estudar o lado psicológico da questão - isto é para os psicólogos. O segundo livro em hebraico que estou escrevendo trata da tradução literária para o hebraico, de um ponto de vista histórico, desde a Bíblia até hoje. Este é um projeto que decidi não dar prosseguimento aqui em Toronto, pois preciso de muito material em hebraico que não está disponível aqui. Alguns estão disponíveis apenas aqui em Toronto... Neste caso em particular - isto é uma coisa que normalmente não gosto de fazer - escrevi um sumário de vinte a trinta páginas, deste livro que ainda não existe, em duas versões diferentes. Uma foi publicada no *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* editado pela Mona Baker, e a outra, foi o prefácio ao livro de Robert Singerman *Bibliography of Jewish Translation History*, publicado pela John Benjamins em 2002. Este é já uma revisão do primeiro. Tenho todo o material bastante organizado mas com várias lacunas, não está realmente escrito ain-

have been teaching once every two years at Tel Aviv University.

DS: As descriptive work has grown, it seems we have been more or less forced, because of the very nature of the new object, to look for examples that were part of history. And so, gradually the concept of “a history of translation” emerged, even though it was not fully conscious on a collective level. Maybe you’re not the only one to have realized that you were becoming more and more interested in the history of the subject.

GT: I think I have to make some reservations or modifications or... not disagree, but I wouldn't say that there had never been any history of translation before. There have been histories of translation – of specific types of translation – for instance, there were histories of translations of the Bible into English... into English on the one hand... of the Bible on the other... and there were historical discussions of the matter. Later on there were studies on text “x” in 3, 4 or 6 translations, which had a historical element to them because they talked about the first translation and the second translation and the third translation etc.; it was not only chronological, it could also be more historical, talking about different contexts and inter-relationships in the way the translation was done. So, without talking about norms – norms and changes within norms – which are historical notions, they actually did find out what the norms were and what the changes in norms were without saying they were

da... ele se baseia em um curso que tenho dado a cada dois anos na Universidade de Tel Aviv.

DS. Conforme o trabalho descritivo foi crescendo, parece que fomos mais ou menos forçados, devido à natureza do novo objeto, a olhar para exemplos que eram parte da história. E assim, gradualmente o conceito de uma “história da tradução” se formou, muito embora não estivéssemos totalmente conscientes em um nível de coletividade. Talvez você não seja o único a ter se dado conta de que estava se tornando mais e mais interessado na história deste assunto.

GT. Acredito que eu deva fazer algumas modificações, com alguma reserva ou... não discordar, mas eu não diria que jamais tivesse havido antes trabalhos em história da tradução. Foram feitas algumas histórias da tradução - de tipos específicos de tradução - por exemplo, histórias das traduções da Bíblia para o inglês... por um lado, para o inglês... e da Bíblia, por outro... e também discussões históricas sobre o assunto. Mais tarde foram feitos estudos sobre um texto “x” em três, quatro ou seis traduções diferentes, o que confere um certo elemento histórico ao estudo pois eles tratavam da primeira, da segunda e da terceira tradução, etc.; e isto não era apenas cronológico, poderia ser também bastante histórico, tratando de contextos diferentes e das relações entre os modos como as traduções haviam sido feitas. Então, sem tocar na questão das normas - normas e mudanças das normas - que são em si noções históricas, eles de fato encontraram o que eram as nor-

writing history. So, they did descriptive work. Even if they did evaluative translation criticism they sometimes made historical – or quasi-historical – remarks such as: this translation was good for the 16th century but in the 17th century they couldn't bear it anymore. This is a half-historical observation which could be pursued and turned into a real historical remark. But, you are right in saying that – for me – it is a logical outcome of the development, to such an extent that, actually, there was an interim phase where quite a number of people who were first and foremost interested in history – history of literature, history of culture – and within the history of literature hit upon a topic which had to do with translation or translators and then they found that they had the need to study a bit of Translation Studies as well in order to be able to do something serious. I'm thinking about José Lambert who came from comparative literature and wanted to write something about comparative situations between Germany and France and he picked a translation as a text case. Or Lieven D'Hulst, who is basically... even nowadays he is regarded as a Roman philologist with a special interest in the historiography of literary translation, but not really as a translation scholar. He is not on the main list of Translation Studies scholars. Not one of the first who would come to mind, even though he is conversant with what is going on; he is the reviewer/editor of *Target*, which means that he is not only personally but professionally versed into the research area but he never stopped being a Professor of literature.

mas e quais eram suas mudanças sem mencionar o fato de que estavam escrevendo a sua história. Eles faziam trabalho descritivo. Mesmo que estivessem fazendo crítica avaliativa da tradução, as vezes faziam observações históricas - ou quase-históricas -, tais como: esta era uma boa tradução para o século XVI, mas no século XVII ela não seria mais aceita. Esta é uma observação quase-histórica e que poderia ser transformada numa consideração histórica de fato. Mas você está certo em afirmar - pelo menos para mim - que este fenômeno é um resultado lógico do desenvolvimento, ao ponto de, na verdade, ter havido uma fase intermediária em que um número considerável de pessoas que estavam interessadas sobretudo em história - história da literatura, história da cultura - e que ao fazer história da literatura esbarraram numa questão que tinha a ver com a tradução, ou tradutores que então sentiram a necessidade de estudar um pouco de Estudos da Tradução também, para que pudessem fazer um trabalho considerado sério. Estou pensando em José Lambert que era oriundo da literatura comparada e desejava escrever alguma coisa a respeito de casos comparativos entre a Alemanha e a França e escolheu uma tradução como texto de análise. Ou então, Lieven D'Hulst, que basicamente é... mesmo hoje é considerado como um filólogo romano com um interesse especial na historiografia da tradução literária, mas não como um acadêmico da tradução. O nome dele não faz parte da lista dos principais *scholars* em Estudos da Tradução. Nem mesmo é um dos que seria lembrado de início, embora ele esteja por dentro do que está acontecendo; ele é o edi-

DS: This leads me to ask you whether you could make some connection between this discussion on translation and history and your final chapter in the 1995 book, entitled *Towards Laws of Translation Behaviour*? You go a long way in this chapter explaining what you mean by “laws”: you make them both relational and probabilistic. The theoretical project as such remains formidable. Now, as a historian – you said earlier that you are becoming more and more of a historian of translation in the way that you’ve just described – does the task of establishing laws of translational behaviour seem to you to be something feasible in practice or is it receding in the distance in a way? How can the task of being a historian connect with the one that consists in trying to establish laws of translational behaviour? Traditional historians have always been very wary of regularities on the level of laws.

GT: You have a knack for formulating questions that require articles to answer! Bit by bit... You started by saying that it was not accepted by many and that’s true. But, I have a feeling that it has more to do with my choice of the word “law” than with

tor de resenhas da *Target*, o que significa que ele não apenas está pessoalmente, mas também profissionalmente informado sobre as pesquisas na área, embora nunca tenha deixado de ser um professor de literatura.

DS. Isso me leva a perguntar se você poderia estabelecer alguma relação entre esta discussão sobre tradução e história e o último capítulo *Towards Laws of Translation Behaviour* [Para as Leis de Comportamento em Tradução] em seu livro de 1995? Você percorre um longo trajeto neste capítulo explicando o que você quer dizer por “leis”, você as estabelece tanto como sendo de natureza relacional quanto probabilística. Enquanto projeto teórico parece formidável. Mas, enquanto historiador - você disse antes que estava se tornando cada vez mais um historiador da tradução, na forma como acabou de descrever - a tarefa de estabelecer leis de comportamento em tradução lhe parece factível na prática, ou esta tarefa vem perdendo importância, de certa forma, com o passar do tempo? De que forma a tarefa do historiador se liga com aquela que consiste no estabelecimento de leis do comportamento tradutivo? Historiadores tradicionais sempre foram bastante conservadores de regularidades no nível de leis.

GT. Você tem uma capacidade especial de formular questões que para serem respondidas exigem artigos inteiros! Pouco a pouco... Você começou afirmando que isto não era aceito por muitas pessoas, o que é verdade. Mas, tenho a impressão que

what I say in the chapters, because what many people are against is the notion of “law” even though I tried to characterize it as slightly different from laws made by a government or municipality, or natural laws... which is precisely one of the things that was behind my decision to formulate them as relational or probabilistic. So they are not laws in that sense. “Thou shalt not murder,” is neither a relational nor a probabilistic law. In real life the question can be asked to what extent this law is followed in actual practice. So you can ask then – keeping future behaviour in mind – “What is the probability of such a law being actually followed?” And the answer would be, “It depends on the circumstances.” And the next question would be, “Can you list different possible circumstances. I need to argue with somebody about things like that – or with myself – so I write little by little and talk to myself if there is no answer from other people. And there has been very little serious talk about it because meetings... courses on translation tend to have this very wide range of approaches as well as topics. They used to be called “Theory and Practice” or “Towards ‘x’” or ... “Changes and Challenges” or topics which say nothing and you have all sorts of people with all sorts of agendas. I didn’t drop the project but I progressed very little. But it came up again two or three years ago quite massively with [a] small group of people, so we finally had two opportunities to talk about it. This was at the EST Conference and a few months later in the Savonlinna conference. At the EST conference there was a section on universals of translation and at Savonlinna the whole

isto tem mais a ver com a minha escolha da palavra “lei” do que com o que eu trato nos capítulos, por que muitos são contra a noção de “lei”, embora eu tenha tentado caracterizá-las de maneira um pouco diferente das leis feitas por um governo ou administração, ou então das leis naturais... e era isto exatamente uma das coisas que estava por trás da minha decisão de formulá-las como relacionais ou probabilísticas. Então não se trata de leis naquele sentido. “Não matarás”, não é uma lei no sentido probabilístico nem relacional. Pode-se perguntar até que ponto, na vida real, esta lei é respeitada (seguida) na prática. Você pode perguntar, então - tendo em mente o comportamento futuro - “Qual é a probabilidade de que tal lei venha a ser respeitada (seguida)?” E a resposta seria, “Depende das circunstâncias”. E a próxima pergunta seria, “Você pode enumerar diferentes circunstâncias possíveis”? Eu preciso de alguém para debater coisas como essas - ou comigo mesmo - para que então pouco a pouco eu escreva e fale comigo mesmo, se eu não obtiver respostas de outras pessoas. E tem havido muito pouca conversa séria sobre isto por que nos encontros... nos cursos de tradução existe esta tendência de se tratar de uma ampla quantidade de abordagens e também de tópicos. Costumavam-se chamar por “Teoria e Prática” ou “Para ‘x’” ou... “Tendências e Desafios” ou então tópicos que não dizem nada e você encontra todo tipo de pessoas com todo tipo de propostas. Eu não abandonei o projeto, mas avancei muito pouco. E há dois ou três anos atrás ele ressurgiu com força em um grupo pequeno de pessoas, e finalmente tivemos a oport-

topic of the conference was whether there are physical universals. Now, I'm not sure (I'm still not sure) whether universals – the new notion of universals which I also already used in the 80s before I reverted to “laws” – I am not sure (I really keep changing my mind) whether the notion of universal is the same – or whether it's any better than “laws” – and maybe for marketing, universals is better, because you can see that had you had a conference on “laws” I don't know how many people would have taken part in it and what they would have said. But, once we talk about universals, all of a sudden there are about 15 people at least who can speak about it and 3, 4, 5 of them who can also speak about them – and tend to speak about them – in theoretical terms and not just analyzing a case. Now, there's absolutely no real... [LONG HESITATION] opposition between being historical and being law-oriented because once you insert the notion of “probability” and notions of what features can take part in deciding what would be done or not be done, the only way to find out what the features may be or what the influence may be is to analyze historical cases. Otherwise, it would be all speculation and there has been a lot of speculation – people saying for instance that if you translate into your mother tongue one thing will happen and if you translate into a language that is not your mother tongue something else would happen. It was transferred directly from other wishful thinking or studies about language teaching and language learning, but very few studies into translation itself

tunidade de falar sobre o assunto por duas vezes. Isto aconteceu no congresso da EST⁷ e alguns meses depois no evento em Savonlinna. No congresso da EST havia uma seção sobre universais da tradução e em Savonlinna o tema de todo o evento era se havia universais materiais. Mas não estou certo (ainda não) se universais - esta noção nova de universais que eu também já havia usado nos anos oitenta, antes de mudar para “leis” - não estou certo (na verdade mudo o tempo todo de idéia) se a noção de universal é a mesma - ou se é de alguma maneira melhor do que “leis” - e talvez por uma questão de marketing, universais seja melhor, pois dá para ver que se tivesse ocorrido um congresso sobre “leis”, não sei quantas pessoas teriam participado e o que elas teriam dito. Mas, no momento em que falamos em universais, de repente havia no mínimo quinze pessoas que poderiam falar sobre o assunto e três, quatro ou cinco dentre elas que também poderiam falar sobre o assunto - e tendiam a tratar do assunto - de maneira teórica e não apenas fazendo a análise de um caso. Agora, não há absolutamente oposição real... [LONGA HESITAÇÃO] entre assumir uma perspectiva histórica ou voltada para as leis, porque uma vez que você introduza a noção de probabilidade e noções a respeito de quais características contam para se decidir o que poderia ser feito ou não, a única maneira de se encontrar quais características poderiam contar ou qual seria a influência é analisando casos a partir de uma perspectiva histórica. De outra forma, tudo não passaria de especulação e tem havido

⁷ European Society for Translation Studies. <http://www.est-translationstudies.org/> (N.T.)

to see how it really works and why and what are the possible parameters? So, I'm not young enough to think that I would be able to do everything myself but I'm still trying to proceed in that direction as well. It hasn't been dropped.

DS: Thank you. I realized it was the subject for a book when I put the question. I knew that we were not going to exhaust it like that. Still ...

GT: Maybe we can think about writing a book which is a dialogue about these matters.

DS: Before I ask you another question, I have a subsidiary one which relates to the opening you made about the fact that many people were reluctant to discuss those issues because of the *word* itself, "laws": In your contacts with the group you work in, at Tel Aviv University, since you don't use English of course when you talk to each other – what word do you use in Hebrew for "laws"?

GT: [*Xukim*] It is the almost exact

um bom número de especulações em circulação - pessoas dizendo que, por exemplo, se você traduzir para sua língua materna, uma certa coisa acontece e, se você traduzir para um língua que não é a sua língua materna, outra coisa acontece. Esta idéia é resultado da transferência direta de outro tipo de pensamento ou estudos sobre o ensino e aprendizagem de línguas, mas muito poucos estudos sobre tradução em si, para ver como ela realmente funciona e por que e quais são os parâmetros possíveis? Então, não sou mais jovem o suficiente para achar que eu seria capaz de fazer tudo eu mesmo, mas ainda estou tentando agir nesta direção também. Isto não foi abandonado.

DS. Muito Obrigado. Percebi que se tratava de assunto para um livro quando fiz a pergunta. Eu sabia que não iríamos esgotar a questão desta maneira. Ainda assim...

GT. Talvez possamos pensar em escrever um livro que seria uma diálogo sobre estas questões.

DS. Antes de lhe colocar mais uma pergunta, tenho uma outra pergunta menor que está relacionada com a sua introdução ao assunto, em que comentou sobre o fato de que muitas pessoas estavam relutantes em discutir aquelas questões por causa da *palavra* em si, "leis". Nos seus encontros com o seu grupo na Universidade de Tel Aviv, uma vez que vocês não usam o inglês, é claro, quando conversam entre si - qual a palavra que vocês usam em hebraico para o termo "leis"?

GT. *Xukim*, este termo é quase o

equivalent of “law”: Natural laws [*xuke teva*], or the country laws [*xuke hamed'inà*]. Maybe there are some collocations that are possible or even current in one language and not in the other language; but, all in all, it's about the same word. And we don't have any scruples using it and really we never mix them up with traffic laws or with the country's laws. Of course, we discuss things in Hebrew. The group is now very small but since we all write mainly in English, we are well aware of the problems. We have more problems in Hebrew normally than we have in English. For instance, we – I and Itamar, or Rakefet – do not have any problem with the English word “interference”: but we have many problems if we want to say it in Hebrew, so we don't say it in Hebrew, we say “*interferenzia*”, because any other word would be misleading.

DS: You're providing me with a marvelous transition because what I really wanted to talk about in the continuation of this discussion is how you have written about laws of translation behaviour in ways heavily oriented or re-oriented around the issue of “transfer” and the issue of “interference”. As you know, over the years the concept of transfer and the concept of interference have been reconsidered, let's say, by people working along lines that are significantly different from the way you and others also work. Certainly approaches that have been labelled “postmodern” and also the forum published in *Target* in three installments – have

equivalente exato para *lei*. Leis naturais, *xuke teva*, ou as leis do país, *xuke hamed'inà*. Pode ser que algumas combinações sejam possíveis ou até mesmo correntes em uma língua mas não em outra; mas, no fim das contas, trata-se da mesma palavra. E não temos nenhum escrúpulo em usá-la e na verdade nunca as confundimos com as leis de trânsito ou com as leis do país. Claro, nós costumamos debater usando o hebraico. O grupo é neste momento muito pequeno e desde que todos nós escrevemos em inglês, temos consciência desses problemas. Temos normalmente mais problemas em hebraico do que em inglês. Por exemplo, nós - Eu e Itamar, ou Rakefet - não temos nenhum problema, em inglês, com a palavra *interference*, mas teremos muitos problemas se usarmos esta palavra em hebraico, então não a usamos em hebraico, dizemos *interferenzia*, porque qualquer outra palavra que usássemos seria problemática.

DS. Você acaba de me fornecer a possibilidade de fazer uma transição fantástica, pois o que eu realmente queria falar na continuação desta conversa é sobre como você vem escrevendo a respeito de leis de comportamento de tradução de maneira fortemente organizada ou reorganizada em torno da questão da ‘transferência’ (*transfer*) e também da questão da ‘interferência’. Como você sabe, ao longo dos anos o conceito de transferência e o de interferência têm sido reconsiderado, digamos, por pessoas trabalhando sob perspectivas que são significativamente diferentes das perspectivas que você e outros também trabalham. Com certeza abor-

shown that beyond slogans or easy definitions there may be... a battlefield of sorts. A field of discussion, anyway, where notions like “transfer” and “interference” are being rejected by some scholars on very simple grounds... simply because they recognize that languages and cultures are not to be distinguished in such a way that things move from one side to the other; or that even items in a given culture – or in a given language – interfere with anything. We could go back to Weinreich who used those words himself 50 years ago. And I’m always reminded – whenever I think of his extraordinary work on Languages in contact – not only that he had a chapter and important things to say about *cultures* in contact, but that he was working under the supervision of someone who strongly believed that languages formed units that should be analyzed as being self-contained – which probably went against everything that Weinreich believed, given his family history. And it seems now that with the advent of postmodern approaches and also postcolonial studies and the view that – even in linguistics proper, interest in Yiddish and in creoles, so-called “creolistics” – all this seems to have conspired towards an obliteration of the differences between what goes on inside a language or inside a culture and what goes on between them. So, in this particular situation, of course, notions like transfer and interference become problematic. Again a subject for a book but I would like to know how you react to these developments.

dagens que vêm sendo chamadas de “pós-modernas” assim como o *forum* publicado na *Target* em três números - têm mostrado que, para além dos *slogans* ou definições fáceis, possa talvez haver... um campo inteiro de formas e modos. Um campo de debate, a propósito, em que noções como ‘transferência’ e ‘interferência’ estão sendo rejeitadas por alguns especialistas com base em justificativas extremamente simplórias... simplesmente porque eles reconhecem que línguas e culturas não podem ser diferenciadas como coisas que se transferem de um lado para outro; ou mesmo que itens de uma dada cultura - ou de uma dada língua - interfiram de alguma forma. Poderíamos retroceder até Weinreich, ele próprio usou estes termos há cinquenta anos atrás. E sou frequentemente lembrado - cada vez que penso no seu extraordinário trabalho sobre línguas em contato - não apenas que ele tem um capítulo e coisas importantes a dizer sobre *culturas* em contato, mas que ele estava trabalhando sob a supervisão de alguém que acreditava firmemente que as línguas constituíam unidades que deveriam ser analisadas como sendo autocontidas - o que provavelmente ia contra tudo o que Weinreich acreditava, dada sua história familiar. E hoje parece que com o advento das abordagens pós-modernas e também dos estudos pós-coloniais, com a visão de que - mesmo em linguística, o interesse pelo yiddish e pelo crioulo, a chamada ‘criolística’ -, tudo isso parece ter conspirado a favor de uma obliteração das diferenças entre o que ocorre dentro de uma lín-

GT: I think maybe I should answer by saying something very simplistic. You said that the notions of transfer and the notion of interference have become problematic. And I wonder whether it's really the "notion" of these two things or the terms? Which means that the way these terms have been used in the last decades – so the problem is really not the words but the semantic load that they carry with them – and the semantic load which came with them has, for instance, to do with the fact that "interference" was almost always marked negatively. But this is not in the nature of the word "interference", it's in the nature of the historical use of the word. And yet... here is one problem that I have been struggling with since the 70s, time and again, and I have never written about it. But I have given this as an answer to questions that have been asked many times – not in interviews, but in class or in conferences. When you do something conceptually new – and in a sense, I didn't invent anything, but I did things that were regarded as non-traditional in my day – you have to talk about it; you have to write about it; you have to talk about it in your language; you have to talk about it in English; you maybe sometimes have to talk about it in a third language, if you have it. What words are you go-

gua ou de uma cultura e o que ocorre entre elas. Então, diante dessa situação, claro, noções como 'transferência' e 'interferência' tornam-se problemáticas. Mais um vez estamos diante de um tema para todo um livro mas eu gostaria de saber como você reage a estes desenvolvimentos.

GT. Acho que talvez eu devesse responder dizendo alguma coisa bastante simples. Você disse que as noções de transferência e de interferência tornaram-se problemáticas. E fico pensando se é realmente a "noção" destas duas coisas ou os termos que são problemáticos? O que quer dizer que o modo como estes termos tem sido usados nas últimas décadas - então o problema não está nas palavras mas na carga semântica que elas carregam consigo - e a carga semântica que emerge com eles tem, por exemplo, a ver com o fato de que o termo 'interferência' foi quase sempre marcado negativamente. Mas isto não faz parte da natureza da palavra 'interferência', isto se encontra na natureza histórica do uso da palavra. E, mesmo assim... este é um problema com o qual venho me debatendo desde os anos setenta, repetidamente, e nunca escrevi sobre esta questão. Tenho dito isto como resposta a certas questões que me são feitas muitas vezes - não em entrevistas, mas na sala de aula ou em palestras. Quando você faz alguma coisa que representa uma inovação conceitual - e, em certo sentido, não inventei nada de novo, apesar de que fiz coisas que eram, na minha época, consideradas não-tradicionais - você tem que falar sobre isso; você tem que escrever sobre ela, você tem que

ing to use? There are two extreme positions. One of them if you are talking about new concepts or modified concepts, you invent your terms. OK, there's a benefit which [is] that you don't get anybody mixed up. There's a drawback that nobody knows what the term means and they have to learn the language as they go on reading the text. The other extreme is to use existing terms and re-define them. The advantage is that you can read what is written or you can listen to what is being said. The drawback is that you assume and – automatically even if you know that it is not the case – that you understand what the word means because you have seen it before. And you forget or you have never realized that it is used in a different sense [LONG PAUSE]. And I'm not talking about “transfer” or “interference” because what Translation Studies tried to do and almost succeeded in doing was to abolish words like “equivalence”: which in the first decades of Translation Studies was one of the first or the most central terms, issues, notions of the profession, in the discipline. Nida made a name for himself for redefining what equivalence is by using the phrase “dynamic equivalence” – you know as well what it is. It worked to some extent because it was still good old equivalence with a twist. But when I defined equivalence as that relationship – normatively regarded – not as the required one but something which is normatively or socially speaking regarded as a normative one, people said, “but this is not equivalence!” But my answer is, “I've redefined equivalence!” I could have invented a different name, but would you have been in a better place

falar sobre isso em sua língua, tem que falar sobre isso em inglês, algumas vezes em uma terceira língua, se você tiver uma. Que palavras você vai usar? Há duas posições extremas. Em uma delas se você estiver tratando de conceitos novos ou modificados, você inventa suas próprias palavras. Certo, existe um tipo de benefício que é o de que você não terá nenhuma confusão. Existe uma desvantagem decorrente do fato de que ninguém sabe realmente o que o termo quer dizer e que devem aprender aquela linguagem conforme prosseguem na leitura do texto. O outro extremo é o de utilizar termos já conhecidos e redefini-los. A vantagem neste caso é que você consegue ler o que está escrito ou então consegue ouvir o que está sendo dito. A desvantagem é que você assume e – automaticamente, mesmo que você saiba que não é o caso – entende o que a palavra quer dizer porque você tem uma familiaridade com ela. E você se esquece ou então nunca se dá conta de que o termo está sendo usado em um sentido diferente [PAUSA LONGA]. E não estou falando de ‘transferência’ ou ‘interferência’ porque o que os Estudos da Tradução tentaram fazer e quase conseguiram foi abolir palavras como ‘equivalência’, a qual nas primeiras décadas dos Estudos da Tradução foi uma das palavras, questões, noções mais importantes, ou das mais centrais da profissão, na disciplina. Eugene Nida fez o seu nome em cima da redefinição do significado do termo equivalência cunhando a expressão ‘equivalência dinâmica’ - você sabe muito bem o que isso quer dizer. Funcionou bem até um certo ponto pois tratava-se da boa e velha equiva-

then? I don't think so. So, I think that "transfer" and "interference" are undergoing the same process now. People who are against them start inventing new terms or taking terms, importing names from other disciplines or from non-disciplinary uses – pre-disciplinary uses – and redefining them and facing the same problem in the future. And those who try to redefine interference think they are doing well, but they may not fare that well because they are misread. When I am talking about interference, I am not thinking of anything bad by the way, one of the tentative laws – possible tentative laws – of translation is it always involves some amount of interference... the differences being what the amounts are: high and low; and what levels they are more likely to appear on: linguistic – lower linguistic, higher linguistic – semantic, general... and, of course, the next question would be, "under what circumstances does the one tend to occur and under what circumstances does the other tend to occur?" Now, interference is a problem from a slightly different point of view as well. It was re-imported into Translation Studies this time not from language teaching and language learning, but from discussions of contact between cultures and contact between languages. And, if you look briefly at the history of the models used for the account of cultures in contact, you can see that it goes something like: first, the model is the model of diffusion; then the model is a model of acculturation; then comes a model of creolization, as somebody has suggested. And the model of interference is a logical outcome of the model of creolization. So, maybe we are not at

lência com uma pitada de novidade. Mas quando defini equivalência como aquela relação - do ponto de vista normativo - não como exigido mas como alguma coisa que, normativamente ou socialmente falando, é considerada como normativa, algumas pessoas dizem, "mas isto não é equivalência!". Mas a minha resposta é, "Eu redefini a equivalência"! Eu poderia ter inventado um nome diferente, mas isto tornaria as coisas mais fáceis? Acho que não. Eu acho que 'transferência' e 'interferência' estão ambas passando pela mesma transformação. Algumas pessoas que são contra estes termos começaram a inventar termos novos, ou a se apropriar, importando palavras de outras disciplinas ou a partir de usos não-disciplinares - usos pré-disciplinares - redefinindo-os e chegando ao mesmo problema mais adiante. Aqueles que tentam redefinir interferência acham que estão fazendo um bem, mas pode ser que não estejam sendo tão bons assim, porque acabam sendo lidos de forma inapropriada. Quando falo de interferência, não estou pensando em nada que seja inerentemente ruim... a propósito, uma das leis provisórias - leis provisórias possíveis - da tradução é... ela sempre envolve uma certa quantidade de interferência... sendo as diferenças as quantidades: alto e baixo; e em que níveis elas aparecem preferencialmente: linguístico - baixo-linguístico, alto-linguístico - semântico, geral... e, é claro, a questão seguinte seria, "sob quais circunstâncias uma tende a ocorrer e não a outra, e vice-versa"? Porém, interferência pode ser um problema, se olharmos de um ponto de vista pouca coisa diferente. Esta noção foi reintroduzida nos Estudos da Tradução,

the end of the historical process, but I think that it's definitely an advancement; it's an improvement. If I read Venuti and he has a term like – what is it... “remainder” or something? I know what “remainder” is, but I have difficulty in using it or even understanding it, when it is used *as a termo*. So, he didn't invent a term, he took it from somebody else (he was not the first one), but it was something which was given a meaning within a certain structure. I don't have the whole structure, so I cannot use the term “remainder”: I can't even follow it, because the language is not mine – the “language” in the sense of the academic, I mean the professional language – not the English language.

It seems that the question was very encompassing again. I want to say that the other approaches you mentioned are trying to do things... They have different agendas and I think that they admit it. But one thing that is central to them and which I do not accept as a scholar is that they have an agenda in the sense that they are

vindo desta vez não do ensino e aprendizagem de línguas, mas do debate sobre contato entre culturas e línguas. Se você der uma olhada rápida na história dos modelos usados para descrever culturas em contato, você verá que ela vai mais ou menos assim: primeiro, o modelo é o modelo de difusão; depois o modelo é um modelo de aculturação; a seguir vem o modelo de crioulização, como alguém já sugeriu. E o modelo de interferência é a consequência lógica do modelo de crioulização. Então, talvez não estejamos no fim de um processo histórico, mas acredito que se trata definitivamente de um avanço; de uma melhoria. Se eu leio o Venuti e ele faz uso de um termo como – como é mesmo... ‘lembrete’ (*remainder*), ou algo assim? Eu sei o que ‘lembrete’ significa, mas tenho dificuldade de usar este termo ou até mesmo de entendê-lo, quando ele é usado *como um termo*. Ele não inventou um termo, ele pegou emprestado de alguém (e ele não foi o primeiro a fazer isso), mas foi dado ao termo um significado em relação a uma certa estrutura. Eu não compreendo a estrutura como um todo, então não posso usar o termo ‘lembrete’, não posso nem ao menos segui-lo, porque não é a minha própria língua - ‘língua’ no sentido acadêmico, isto é a linguagem profissional - não a língua inglesa.

Parece que a sua questão foi novamente bastante abrangente. Quero dizer que as outras abordagens que você mencionou estão tentando realizar algumas coisas... eles têm agendas diferentes e acho que admitem este fato. Mas uma coisa que lhes é primordial e com a qual eu não concordo, enquanto um acadêmico, é que

fighting for something. They want to achieve something. There are hidden and not so hidden objectives beyond what they are doing. And many of these objectives are very near to my heart: like women's rights, anti-colonialism and things like that. But I think that we had better distinguish between what we want to cure in our society and what we say with a historical or cultural orientation, trying to be objective – and I do not for a minute believe that one can be 100% objective; this is not my claim. The only question for me is, whether, if you know that you cannot be 100% objective, whether you give up objectivism at all or do you try your best to achieve it.

DS: Thank you.

eles possuem uma agenda no sentido de que estão lutando por alguma coisa. Eles querem alcançar algo. Há objetivos subentendidos e outros nem tanto, para além do que estão fazendo. E muitos destes objetivos estão muito próximos do meu interesse: como os direitos das mulheres, anti-colonialismo e coisas do gênero. Mas acredito que é melhor distinguirmos entre aquilo que desejamos curar na nossa sociedade e aquilo que afirmamos com uma orientação histórica ou cultural, tentando ser objetivo - e não acredito nem um pouco que alguém possa ser cem por cento objetivo - não é isso que estou dizendo. A única questão para mim é, sabendo que não se pode ser cem por cento objetivo, se você renuncia ao objetivismo de uma vez por todas ou então tenta fazer o melhor que puder para alcançá-lo.

DS. Muito Obrigado.

*Tradução de Rodrigo Borges de Faveri & Cláudia Borges de Faveri
rbfaveri@gmail.com / cbfaveri@gmail.com
Unipampa / Universidade Federal de Santa Catarina*

*Gideon Toury
toury@post.tau.ac.il
Universidade de Tel Aviv*

Fonte: Beyond Descriptive Translation Studies: Investigations in homage to Gideon Toury. Pym, A., Shlesinger, M., Simeoni, D. (eds.). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008.